

## “ESPELHOS DA NOITE”: IDENTIDADES VESTIDAS PELO CONTROLE SOCIAL

Rose Cláudia Oliveira de Andrade<sup>1</sup>  
Maria de Fátima A. Di Gregorio<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa de mestrado que tem como temática “As garotas do KM 43”: identidade(s), prostituição, família(s) e escola. Analisa a trajetória de vida das prostitutas do Km 43 – Distrito Stela Câmara Dubois – Jaguaquara, Bahia, localidade que tem um bordel de estrada cujas mulheres constituem um grupo atuante entre “ser mãe e prostituta”, exigindo reflexão do processo histórico, cultural, educacional, sócio econômico e político dessas mulheres que possuem identidades que são negociadas na sociedade. Para tanto, busca-se por meio das narrativas, ouvir a voz dessas mulheres que de alguma forma são visibilizadas no local, constituindo um grupo coletivo que apresenta acepções em uma sociedade marcada pelo preconceito e discriminação. Nesse viés, perceber por suas falas como elas enunciam e lidam com suas identidades, especialmente as étnicas. A pesquisa tem como sujeitos, as mulheres que em suas histórias tem pontos e razões os quais convergem para pobreza, desemprego, formação precária, violência familiar, falta de oportunidades na vida dentre outras formas de violência instituída contra mulheres. Ancora-se na história oral, cuja coleta de informações objetiva compreender de que maneira as prostitutas do KM 43 vem construindo suas identidades na dinâmica entre prostituição, família e escola, identificando a inserção no âmbito da prostituição, suas trajetórias de vida pessoal e profissional, com intuito de elucidar suas vivências. Constitui como pesquisa social, empírica, de natureza qualitativa, ancorada em teóricos que dialogam com as categorias em estudo.

**Palavras-chave:** Prostituição, família, identidade.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/Campus Jequié Ba, rclaudiaandrade@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador/UCSal Ba, f\_digregorio@hotmail.com.



## “ESPELHOS DA NOITE”: IDENTIDADES VESTIDAS PELO CONTROLE SOCIAL<sup>3</sup>

### TESSITURAS INICIAIS

Debater a prostituição sob o prisma das relações sociais é pensar sobre as dinâmicas estabelecidas que demarcam a construção simbólica e histórica dessas mulheres que contam suas histórias, reconstruem sua identidade ao confrontar-se com as possibilidades de recriação e transmissão de seu universo cultural no momento em que elabora a vivência da prostituição.

Os processos identitários remetem as heranças, legitimam a identidade étnica, principalmente ao que diz respeito o papel das mulheres que transitam na comunidade local e devem ser compreendidos a partir das histórias de vida. Ouvir a enunciação das identidades étnicas sob a ótica das mulheres que vivem em situação de prostituição é pensar em contextos e vivências, considerando-se que o seu cotidiano é marcado por estigmas, preconceitos e violências, significa ainda contribuir para problematizar as formas de lutas por reconhecimento e *empoderamento* na sociedade, bem como, tornar visíveis as realidades as quais são submetidas ao assumirem suas identidades.

Esta investigação resulta de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade- PPGREC - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Campus de Jequié, com inserção na linha de pesquisa n. 2: etnia, gênero e diversidade sexual que tem como temática “As garotas do KM 43”: identidade(s), prostituição, família(s) e escola. Analisa a trajetória de vida das prostitutas do Km 43 – Distrito Stela Câmara Dubois – Jaguaquara, Bahia. Ademais, esta pesquisa possui o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 99015318.6.0000.0055, aprovado pelo parecer nº 2.978.072.

Diante disto, objetiva-se com esse estudo compreender de que maneira as prostitutas do KM 43 vem construindo suas identidades na dinâmica entre prostituição, família e escola, identificando a inserção no âmbito da prostituição, suas trajetórias de vida pessoal e profissional, com intuito de elucidar suas vivências. Além disso, visando atender a complexidade da pesquisa, os seguintes objetivos específicos foram traçados: 1) Identificar a inserção das mulheres na prostituição em diferentes contextos e espaços sociais; 2) Elucidar a

---

<sup>3</sup>Este artigo resulta de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade- PPGREC - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Campus de Jequié.



trajetória de vida das prostitutas; e 3) Analisar a partir das narrativas, como as mulheres que se prostituem se percebem etnicamente, identificando os marcadores inseridos na prostituição.

O *corpus* selecionado para análise são as entrevistas concedidas a partir da técnica da história oral. O campo da pesquisa é o KM 43 – Distrito Stela Câmara Dubois, do município de Jaguaquara Bahia, localizado às margens da rodovia BR 116. Propõe uma amostra constituída de quatro colaboradoras – mulheres prostitutas e mães, moradoras da comunidade pesquisada. Na utilização das falas das prostitutas, atendendo à solicitação das mesmas, estabelece-se o critério de não identificar seus nomes. Os registros são assinados pelos condinomes batom, espelho, esmalte e escova que se reportam aos depoimentos das mulheres pesquisadas.

Para tanto, busca-se por meio das narrativas, ouvir a voz dessas mulheres que de alguma forma são visibilizadas no local, constituindo um grupo coletivo que apresenta acepções em uma sociedade marcada pelo preconceito e discriminação. Nesse viés, perceber por suas falas como elas enunciam e lidam com suas identidades, especialmente as étnicas. A pesquisa tem como sujeitos, as mulheres que em suas histórias tem pontos e razões os quais convergem para pobreza, desemprego, formação precária, violência familiar, falta de oportunidades na vida e outras formas de violência instituída contra mulheres em uma sociedade desigual e violenta. Mulheres que são mães e assumem diante da sociedade a prostituição como profissão. Será que são estigmatizadas e hostilizadas? Como se dá a relação delas com os grupos de mães e entre outros grupos? Quem são essas mulheres? Como é ser vista como prostituta? Quais os enfrentamentos e lutas? Qual identidade é mais fixada?

O estudo é uma pesquisa social, entra em um campo que permite “penetrar num mundo polêmico onde há questões não resolvidas e onde o debate tem sido perene e não conclusivo” (MINAYO, 1999, p.20). Dessa forma, opta-se pela metodologia com abordagem qualitativa, em que qualquer investigação social necessita revelar o aspecto primordial do seu objeto, que se traduz no qualitativo. A investigação problematiza a relação entre sujeitos, portanto é dialógica, na qual a pesquisadora é parte integrante do processo investigativo.

Tem-se a história oral como “um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p. 15), essas pessoas são colaboradoras, de maneira que valoriza as subjetividades a partir do anunciado e das vivências narradas, que podem revelar afirmações ou negações, saberes e significados no processo de construção das identidades.

Esses grupos, no caso específico dessa investigação as prostitutas, perpassam por lutas sociais e conquistas de espaços no percurso de reconhecimento por uma identidade social. O processo histórico, cultural, educacional, sócio econômico e político no país e as políticas públicas mais recentes de apoio e reconhecimento à classe desvelam lutas e contradições vividas por essas mulheres. No caso dessa pesquisa, as vivências se corporificam nas histórias de cada uma que tem pontos e razões que convergem para baixa escolaridade, abandono, preconceito e vulnerabilidade social. Assim, ouvir as vozes das mulheres que se evidenciam em especificidades de vulnerabilidade social nos diferentes contextos e espaços sociais exige um olhar reflexivo acerca das lutas e disparidades de gênero no cotidiano das relações na sociedade contemporânea. Nesse cenário, como conceber a prostituição?

Uma compreensão mais abrangente sobre o fenômeno da prostituição se faz necessário problematizar os significados vigentes, seu contexto, as contradições, suas desconexões com antigas significações, de modo a compreender o contexto da contemporaneidade e promover o debate sobre a prostituição em diferentes contextos e espaços sociais.

A prostituição sob o prisma da construção da identidade étnica de mulheres que se confrontam com outras mulheres pensa-se no embate identitário e na dinâmica que se estabelece entre grupos e lugares. Promove diálogos, revela os aspectos e fatores ligados à prostituição na localidade, considera as peculiaridades que denunciam e evidenciam as identidades das mulheres prostitutas no contexto entre famílias, escola e trabalho. Ser mãe e prostituta. Nesse cenário de debate, essa proposta de trabalho se apropria da história de vida das prostitutas, redimensiona o debate sobre a prostituição no mundo contemporâneo e visibiliza as experiências de vida das prostitutas no contexto das relações étnicas.

A investigação aponta para os conflitos entre o mundo da escola, de ser mãe e o mundo da prostituição. Vivências de mulheres menosprezadas e hostilizadas pela própria família. Evidencia a história de vida entre lutas pela sobrevivência e formas de resistências.

## ENTRE DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos<sup>4</sup>.

**Fig. 1 – Fotos do Distrito Stela Câmara Dubois**



**Fonte:** Google acessado em 26 de janeiro de 2019

As mudanças ocorrem a todo tempo nos cenários com elevados números de problemas socioculturais que se constituem na dinâmica da relação entre o “eu” e os “outros”, no que tange aos processos de construção de identidades em uma sociedade marcada por inúmeras desigualdades. Nessa dinâmica, compreende-se que grupos os minoritários são fragilizados e vulneráveis, cujas histórias de vida necessitam ser registradas.

Reportando-se a Rago (1985), a prostituição é considerada como um desvio que se fundamenta-se nas reflexões médicas de higienização, desenvolvida no final do século XIX. Conforme a autora observa-se que a prostituta foi, nesse período, rotulada como degenerada, decaída, mulher sexualmente doente, devendo assim, ser afastada da convivência das “boas famílias” e pagar um alto preço por sua condição social.

Mulheres de má vida, meretrizes insubmissas, impuras, insignificantes, o que fazer com essas loucas que recusam o aconchego do casamento, que negam a importância do lar e preferem circular enfeitadas pelas ruas, desnudando partes íntimas do corpo, exalando perfumes fortes e extravagantes, provocando tumultos e escândalos, subversivas que rejeitam o mundo edificante do trabalho, surdas aos discursos moralizantes e que perseguem a todo custo a satisfação do prazer? (RAGO, 1985, p. 85).

Conforme Beavoir (1980, p.376) “a prostituta é um bode expiatório; o homem descarrega nela sua torpeza e a renega, [...] a prostituta não tem direitos de uma pessoa, nela se resumem , ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina”. Assim, percebe-se a

<sup>4</sup> C.f a obra de BOURDIEU, Pierre: Coisas ditas 1930-2002. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.

prostituição como o resultado de relações sociais hierárquicas de poder; como resultado igualmente de uma situação moral invertida; como objetificação total da mulher nas instâncias sexual e econômica submetida à ordem masculina; como instituição partícipe do funcionamento do sistema patriarcal; como uma forma trabalho. Segundo a autora “a maior parte das prostitutas estão moralmente adaptadas à sua condição”. (BEAVOIR, 1980, p.388).

Prostituição é um trabalho penoso onde a mulher oprimida sexualmente e economicamente, submetida ao arbítrio da polícia, à uma humilhante vigilância médica, aos caprichos dos clientes, destinada aos micróbios e à doença, é realmente submetida ao nível de uma coisa. (BEAVOIR, 1980, p.389).

Rodrigues (2009) afirma que na concepção concebida como um “mal necessário”, a prostituição é vista como “a profissão mais antiga do mundo” uma forma de naturalizar esse exercício e reafirmar o domínio dos homens sobre as mulheres, enfatizando que os corpos femininos sempre estiveram à disposição dos seus consumidores, os homens. Nesse entendimento, a prostituição é considerada como desvio de pessoas doentes que não se adequam ao padrão e normas vigentes que para os moralistas, se consolida para atender ao prazer masculino, uma vez que em nossa cultura o sexo não é desonra para o homem.

Nessa expectativa, as reflexões sobre prostituição demandam pensar os estilos de vida das prostitutas, de forma a haver um deslocamento dessas discussões do eixo moralista para um campo mais amplo que seja permeado pelas questões políticas, sociais e étnicas em defesa dos direitos humanos. Contudo, embora, tenham ocorrido transformações e avanços em torno da prostituição ainda são explícitos os elementos ligados à dominação de gênero, violência e estigmatização. Goffman (2004) menciona que estas marcas estão ligadas a etnia, corpo, situação social desenvolvendo estigmas.

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo lugar, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 2004, p.14).

A identidade existe sempre em relação à outra. Quer dizer, existe uma relação dialética entre identidade e reconhecimento social que se dá a partir dessas construções que podem ser positivas ou negativas, as quais designam determinados comportamentos dos sujeitos. Assim, repleta de violências e estigmas, a prostituição se assemelha a uma atividade que outorga elementos arcaicos de uma moral sexual civilizada. A reflexão sobre prostituição

exige novos olhares que vão além dos discursos sobre sexualidade decorrentes da chamada “revolução sexual”.

Constata-se no decorrer da história que as prostitutas têm as marcas da ausência de estudo, situação de pobreza e revelam laços familiares rompidos e a condição de vida à margem de experiências preconceituosas e discriminatórias. As mulheres são violentadas pelo discurso da masculinidade hegemônica, o qual reproduz a lógica da dominação masculina nas instituições como família, escola e estado. Evidencia-se em suas histórias, uma infância e adolescência negada pelos direitos à cidadania. Nesse contexto de traumas, frustrações e humilhações elas buscam superar a dor do sofrimento e lutam pela vida.

A falta de amparo dos pais, abandono pelos amantes ou maridos, ausência de oportunidade de trabalho e estudo, sedução e exploração, escravidão sexual, medo, são causas elencadas por Beauvoir (1980) para a prostituição. Portanto, sob o signo do social a existência da prostituição é posta num contexto de violência implícita ou explícita, desmascarando “a mais antiga profissão do mundo”.

Scott (1992) ressalta quanto à questão de gênero que com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou um termo particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens, pensado simetricamente o lugar de fala das mulheres durante toda a história da humanidade que foi de lugar da subalternidade, subserviência e em contrapartida, os homens assumiram um lugar privilegiado.

Gênero é uma categoria útil de análise histórica, por induzir a compreensão de homens e mulheres em termos relacionais. É um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos; é o primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1992, p 75).

Com base nessa explanação, compreende-se gênero como um elemento constitutivo das relações sociais fundamentado nas diferenças percebidas entre os sexos, é uma forma primária de dar significado às relações de poder; um campo primitivo dentro do qual ou por meio do qual se articula o poder. Assim, nas várias maneiras de entender a complexidade das interações humanas o gênero assume mecanismo de decodificação de várias formas de interações.

Para Silva, “questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam” (SILVA, 2014, p. 83), isto é, o questionamento implica desconstruir esses binarismos, mostrar como eles não são essencialmente dados e ativamente produzidos de modo a manter relações hierárquicas e de

privilégio. Butler (1999, p. 155) argumenta que a formação do sujeito através do imperativo heterossexual exige a produção simultânea de um domínio de seres abjetos que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O objeto se refere às zonas inabitáveis da vida social.

As narrativas das prostitutas exprimem subjetividades daquilo que é desprezível e vergonhoso, discursos construídos no campo da idealização do individual e de um coletivo, a prostituição é realização ou um aprisionamento, considerando as pressões sociais, regulações da sexualidade que aparecem e suscitam o preconceito e aprisionamento das mulheres acerca das suas subjetividades em seus processos de construções indenitárias.

Nesse sentido, a transgressão dos papéis problematiza a natureza biológica de homens e de mulheres, tem um discurso que leva à manutenção da tal ordem compulsória que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social. Desconstruir essa norma de caráter social de estruturas que parecem naturalizadas, de acordo Butler (2003), é uma questão de gênero, já que este é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados.

As mudanças da sociedade contemporânea afetadas determinantemente pela expansão do capitalismo com seus modos de produção e com o desenvolvimento das classes médias, sobretudo na Europa, foram alicerçadas pelas expressões do processo de proliferação do discurso e reafirmação das sexualidades heterogêneas que eclodiram a partir da década de 60 com o surgimento dos movimentos sociais.

Esses movimentos, embora, não romperam totalmente com a lógica e mecanismos do saber/poder que consiste em “estratégias de relações de força, sustentando tipos de saberes e sendo por eles sustentadas.” (FOUCAULT, 1979, p. 246) foi decisivo por uma das expressões mais diretas da evolução do processo de proliferação do discurso e reafirmação das sexualidades heterogêneas. “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 2011, p.118).

Conforme Foucault (1979), um dispositivo é sempre um dispositivo de poder, que opera em um determinado campo e se desvela pela articulação que engendra de uma multiplicidade de elementos, pela relação de poder que entre eles se estabelece. O dispositivo expressa, ainda, um objetivo estratégico que atende a uma urgência histórica. Entende que um dispositivo corresponde a “um tipo de formação que, em determinado momento histórico,

teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante”. (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Em cada momento da história a dominação se fixa em um ritual; ela impõe obrigações e direitos; ela constitui cuidadosos procedimentos. Ela estabelece marcas, grava lembranças nas coisas e até nos corpos; ela se torna responsável pelas dívidas. (FOUCAULT, 1979, p. 25).

Nesse contexto de movimentos marcados por críticas, discussões e reivindicações prevalece a busca incessante que em torno da liberação dos costumes, do direito ao prazer e à diferença, da não discriminação e do reconhecimento da diversidade e das minorias sexuais “não é simplesmente a questão de o que é uma mulher própria ou imprópria, mas o que não é absolutamente concebível como uma mulher” (BUTLER, 2002, p. 165) que na situação de prostituta ocupa um lugar que, de alguma forma, se relaciona ao lugar que a mulher ocupa dentro do binário próprio e impróprio, especialmente quando.

Ainda não somos capazes de considerar aqueles atos e práticas e modos de vida que foram brutalmente excluídos desse mesmíssimo binário próprio e impróprio. Eles não são a pré-história benigna desse binarismo, mas sim seu violento e inominável avesso (BUTLER, 2002, p.166).

É importante atentar que nesse contexto que o movimento feminista ressurgiu de maneira mais radical, torna assim, mais visível e expressivo questiona a ordem de dominação masculina e a reivindicação de igualdade de direitos entre homens e mulheres, exprime a necessidade de mais participação das mulheres nos espaços sociais, econômicos e políticos. Teorizar a prostituição como construída através de um processo de abjeção coloca a prostituta em um lugar além do próprio e impróprio parece ser um caminho promissor, ainda que teoricamente ousado, em direção a ações mais efetivas de enfrentamento do estigma da prostituição e seus impasses, na medida em que possibilita sair da dicotomização e lançar luz na complexidade dessa construção, e entender o significado da prostituição a partir de suas práticas.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho em busca de autonomia, independência e liberdade traz uma série de ressignificados sobre a atuação das mulheres em espaços que até então eram reservados aos homens. Nas famílias e na sociedade de modo geral, as relações entre homens e mulheres se firmam em novas configurações. Nesse contexto, as dinâmicas familiares ganham espaços organizacionais, dá visibilidade às famílias enredadas, monoparentais, geralmente constituídas de mulher e prole; filhos criados por terceiros em função da dupla jornada de trabalho dos pais; casais que optam por não terem filhos e famílias reconstituídas.

As novas relações familiares se definem pela atividade sexual concentrada no desejo que é individual, o princípio de fazer/ser, que traz uma cadeia de significados pautados no prazer. Percebe-se que o exercício sexual vai se tornando cada vez mais pautado no prazer e desvinculado do modelo patriarcal de casamento monogâmico legítimo e com fins reprodutivos.

Em uma crescente desconstrução, esse modelo patriarcal está progressivamente dando lugar às configurações familiares e modalidades de laços sexuais e afetivos mais flexíveis, menos duradouros e adequados às rápidas e constantes transformações da economia capitalista. Também, os avanços das tecnologias aceleram esses processos, exercem papéis fundamentais nas mudanças relativas ao campo da sexualidade no mundo atual. Nesse contexto de mudanças, o discurso contemporâneo sobre a sexualidade se caracteriza por possibilitar uma multiplicidade de expressões que comportam desde as formas mais antigas e tradicionais de exercício da sexualidade até as formas mais modernas.

A partir desse cenário de mudanças e transformações sociais e culturais, é que a prostituição merece reflexão porque os diferentes contextos e espaços nos quais as mulheres estão inseridas se relacionam pela lógica imbricada das representações de gênero, sexo e classe. Frente a estes fatos, a prostituição não possui uma noção única e impermeável, na verdade existem várias prostituições que desafiam a refletir acerca das mudanças no modo como a sociedade atribui significado a prostituição.

O discurso social sobre as identidades se reflete nas diferentes famílias, como um espelho. Em cada caso, entretanto, há uma tradução desse discurso, que, por sua vez, devolve ao mundo social sua imagem, filtrada pela singularidade das experiências vividas. As transformações políticas, econômicas, culturais e sociais deram a sociedade brasileira novas formas de organizações que interferiram nas dinâmicas sociais e familiares e na atuação das mulheres nos diferentes espaços.

Mediante as novas configurações da sociedade brasileira é que as prostitutas aparecem entre os diferentes grupos étnicos, produzem as relações que se constituem de acordo com a cultura, a região e a classe social dos sujeitos. Os espaços e contextos em que essas mulheres estão inseridas dialogam com a família, escola e trabalho de maneira que as identidades são afirmadas e/ou negadas. Desse modo, as mulheres prostitutas se apropriam de traços culturais para produzirem identidades que se manifestam das relações de vivências as quais as remetem a um sujeito sociocultural.

Esse processo de construção identitário é estabelecido através do movimento de inclusão e exclusão, impõe limites entre os grupos de contato, em que as relações de pertencimento étnico tornam-se marcadas pela identidade e diferença. Identidade referenciada pela cultura eurocêntrica que expressivamente circula nos espaços da sociedade apresentando-se como dominante e oficial. Diferença no que diz respeito às marcas simbólicas da representação dos povos que não possuem atributos do grupo considerado colonizador. Nesse aspecto, a língua, religião, costumes, vestimentas, hábitos e códigos são considerados inferiores nas situações de interação em que a identificação e/ou diferenciação são evidenciadas através das representações de fronteiras entre nós e eles.

As histórias de vida trazem consigo os diferentes processos de identidade e identificação. Há uma visibilidade desses processos a depender do lugar de fala e das representações do sujeito no universo das relações étnicas.

Os limites do mundo familiar, demarcados pela história que a família conta sobre si, criando sua identidade, são abalados pela ação individualizada de cada um de seus membros, que reagem singularmente às relações internas e que trazem à convivência cotidiana a experiência também singular com o mundo exterior. A tensão entre os distintos discursos familiares denota a singularidade da família no mundo contemporâneo: ela é, ao mesmo tempo, auto referida na sua construção do “nós” – nisto que constitui o mundo privado – e permanentemente influenciada pelo mundo exterior – o público -, que lhe traz a inevitável dimensão do “outro”, com a qual tem que lidar. Assim, a família constitui-se pela construção de identidades que a demarcam, em constante confronto com a alteridade, cuja presença se fará sentir insistentemente, forçado a abertura, mesmo quando persistirem as resistências. A família, então, constitui-se dialeticamente (SARTI, 2004, p. 19).

Na contemporaneidade, as mulheres têm revelado papéis diferenciados daqueles que as colocavam em condições de submissão aos modelos familiares hegemônicos. Há realidades em que as mulheres aparecem com variações de comportamentos de acordo as diferentes classes sociais. A própria natureza do sistema patriarcal se desfez com a divisão do trabalho entre o marido e a esposa criando, de certo modo, condições para a afirmação da identidade feminina, devido as suas atuações junto à família.

Silva (2014) destaca o discurso colonial e a sua ligação com relações de poder que existem na demarcação das fronteiras determinantes das diferenças. Segundo o autor, é por meio da representação que a identidade e a diferença adquirem significados, ao utilizar padrões para estabelecer aceitação ou negação, inclusão ou exclusão de um indivíduo em determinado grupo, indica posições de pertencimento do sujeito. Normalizar significa padronizar uma identidade como paradigma para as demais.

[...] é por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: ‘essa é a identidade’, ‘identidade é isso’. É por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade (SILVA, 2014, p. 91).

Essa realidade na qual quem detém o poder de representação apresenta condição de nomear e classificar seus pares é visível nos espaços da sociedade. Vale salientar que o contexto social, histórico e político são definidos pela multiplicidade de sujeitos, culturas, saberes, e crenças. A identidade e diferença são produções sociais e interdependentes, considera-se, assim como Hall (2014), que as identidades são firmadas por meio das diferenças, designando posições assumidas e/ou negadas pelos sujeitos.

Ao reportar às narrativas das colaboradoras desta pesquisa, a manifestação da diferença passa a existir no meio social a partir do outro, o diferente, colocando sempre em questão as identidades. Remete-se nesse caso, as falas que evidenciam aqueles (outro) que apontam e indicam quem elas são e um (eu) quando elas se reconhecem como prostitutas e mães afirmando e/ou negando o pertencimento a um determinado grupo.

Dessa forma, a identidade e a diferença se complementam através da relação de contraste. Ao contar sobre as suas trajetórias, a memória trouxe os estigmas que permeiam o imaginário social das mulheres em determinados contextos. Questões como família, educação, classe social, trabalho, etnia e gênero são apontadas como fatores que contribuíram para os estigmas na história de vida dessas mulheres. Identidades construídas pelos embates, lutas e silenciamentos que se expressam nas vivências da prostituição e se dialogam no espaço familiar. Com isto, Bourdieu (2002) compreende que as mudanças reais ocorridas na sociedade contemporânea a partir de suas práticas desvelam as formas de legitimação que justificam a dominação social, estereótipos e as formas de opressão que definem e limitam um grupo de pessoas na sociedade.

Ao pensar sobre as identidades das mulheres que se assumem como mães e prostitutas, no entendimento de Goffman (1988) a identidade de um determinado indivíduo é construída a partir dos parâmetros e expectativas estabelecidas pelo meio social. Para ele, os critérios de categorizar as pessoas e a dimensão de atributos considerados como semelhantes e naturais para os membros de cada uma das categorias são determinados pela sociedade. São os ambientes sociais, escola, família, trabalho e igreja que determinam as categorias de pessoas que neles podem ser encontradas. Entretanto, as rotinas das relações nesses espaços sociais determinados, proporcionam interações com outras pessoas previstas sem atenção ou reflexão particular.

Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “status social”, já que nele se incluem atributos como honestidade, da mesma forma que atributos estruturais como ocupação (GOFFMAN, 1988, p.12).

As diferentes abordagens sobre identidade são desenvolvidas a partir de um conceito que envolve a dimensão individual e coletiva. Nessa direção as identidades das prostitutas são construídas na dialética entre um indivíduo e a sociedade. Em outros termos, ela revela o resultado das diversas interações entre o sujeito e o seu ambiente social, que o aproxima ou o distancia conforme suas semelhanças. As famílias se identificam pelas marcas sociais de lutas e silêncios em suas caminhadas. As histórias desvelam identidades marcadas pelas relações de sentimentos familiares rompidos. Nesse contexto, se anunciam embates identitários que se manifestam das relações de vivências enquanto mulheres, prostitutas e mães. As memórias alicerçadas em sonhos, conquistas, mas também, em sofrimentos e violências que são semelhantes entre essas mulheres em um mundo vivenciado por elas como sustento e sobrevivência, em uma sociedade preconceituosa e excludente. Nesse universo de enfrentamentos diários elas buscam melhores condições de vida para suas famílias.

A identidade étnica não é estática e se constitui a partir dos conflitos identitários que se formam através das relações sociais. Diferenças e semelhanças familiares ocorrem dialeticamente das representações de poder que produzem e reproduzem desigualdades. Desse modo, as identidades das prostitutas são acentuadas pelo viés dos processos de inclusão ou exclusão. Elas se organizam a fim de definir o “eu” e o “outro”, o “nós e eles” manifestando as categorias de diferenciação e assimilação.

Nesse entendimento, a identidade étnica ocupa lugar emergente no qual o sujeito, que no caso desta pesquisa são as mulheres prostitutas, baseia-se em si para situar-se etnicamente. Essas mulheres e as suas peculiares vivências constituem as suas identidades étnicas em uma sociedade, atuam como elementos essenciais na construção cultural da comunidade, “um grupo social que no interior de um sistema sociocultural mais amplo, reivindica e possui um estatuto especial em razão de um complexo de traços que ele representa ou presume representar”. (POUTIGNAT E STREIFF-FERNART, 2011, p. 80).

De acordo com Hall (2004), o mundo contemporâneo tem produzido formas complexas de subjetivação, pois simultaneamente busca abertura de espaço para interdependência transnacional das identidades e das interações globais e provoca um movimento que busca retomar os aspectos locais que sustentam a demarcação de diferenças.

Tomando as relações étnicas, neste estudo, as prostitutas pensadas a partir de uma lógica hegemônica evoca-se a cultura no sentido de “território de luta” (HALL, 2004, p. 246), local onde está em jogo modos de ser, sentir, pensar, agir dos sujeitos sociais em que os significados e sentidos das representações estão em permanente disputa e negociação. Assim, a identidade constrói-se em situações específicas através de representações culturais e sociais pois é entendida com um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos”. (HALL, 2004, p. 50).

### **ESPELHOS DA NOITE: MULHERES QUE FALAM!**

Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil:– Em que espelho ficou perdida a minha face?<sup>5</sup>

**Fig. 2 – Foto do Restaurante Primavera**



**Fonte:** Google acessado em 26 de janeiro de 2019

A prostituição se mostra para conservadores e fundamentalistas como afronta as expectativas sociais atribuídas ao papel da mulher e apesar de sua evolução no mercado capitalista, a prestação de serviços sexuais não garante direitos trabalhistas nem sociais. Essa prática traz para outros grupos, aspectos negativos relacionados a ideia de ser mulher fora da normatividade social e o preconceito se faz presente e afeta os diversos espaços que cada um pertence: escola, família, igreja e comunidade. Dentre os aspectos negativos a ser evidenciados, está a violência que por vezes é banalizada pela sociedade, sobretudo, quando é atribuída à prostituta, diminui o valor de violação aos princípios desses grupos.

<sup>5</sup> C.f obra de MEIRELES, Cecília. Poesia completa. Organização de Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2 v.

O discurso social sobre as identidades se reflete nas diferentes famílias, como um espelho. Em cada caso, entretanto, há uma tradução desse discurso, que, por sua vez, devolve ao mundo social sua imagem, filtrada pela singularidade das experiências vividas.

Uma coisa que eu queria tanto, que meu irmão, minhas irmãs me perdoasse pelo o que eu seja, meu irmão uma vez eu nunca esqueço o que ele fez comigo, eu bati na porta, minha mãe ainda tava viva na época, eu pensei que era minha mãe que ia abrir a porta pra mim, mas não era, foi meu próprio irmão, me deu um tapa na cara e eu não tenho mágoa dele, não tenho raiva dele, porque ele fez isso, que pelo meno era pra ele demonstrar o que ele é. Meus irmãos, minhas irmãs mermo que filhos de outra mulher, mas eu não sinto raiva deles. (ESMALTE)

Fui criada com minha mãe, eu não tenho pai, ela não diz quem é antes eu tinha muita curiosidade de saber quem que era ele, perguntava muito a ela, mas hoje eu não me interesse muito. Mas já me interessei muito, em ir atrás, saber quem é, de ter o reconhecimento, o pai né, saber quem que é a falta talvez, por causa de ser criada só com minha mãe, passava certos perrengues, falar vamos dizer assim, então eu tinha curiosidade mesmo se ele não convivesse com minha mãe como não conviveu e eu não conheci, eu acho que se eu tivesse contato talvez eu poderia buscar outra forma, entendeu, junto a ele, sei lá, que assim, o convívio com minha mãe foi muito difícil. Talvez se eu tivesse a presença dele, com ele seria mais fácil. Foi uma forma que eu encontrei, pra mim é normal, sei que tem muitas pessoas que falam que ver por outro lado, ver com outros olhos, mas eu não ligo não, até porque quando eu sempre precisei foi a isso que eu recorri. (ESPELHO)

Eu cuidava dos meus irmãos, minha mãe saía pra trabalhar e eu cuidava deles, até os quatorzes anos sempre foi eu. Teve uma época da minha vida que eu muito ignorante com minha mãe (se refere à adolescência), apanhei muito, isso acabou quando eu tive meu filho, comecei a ter responsabilidade desde os dezoito anos com a maternidade. (BATOM)

De acordo com as narrativas das colaboradoras, a família e seu sentimento importam para sua estima. Pela identidade, a diferença está intrinsecamente ligada a sua atividade de prostituição, afeta os laços de família, que se romperam desde a mãe até os irmãos. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações entre um grupo ou vários e, nesse caso, a divisão e classificação de mulheres se institui, não de forma hierarquizada, mas valorativa. Nesse sentido, identidade e a diferença se traduzem no mesmo grupo, se tornando diferencial na medida em que o sentimento de família, de laços rompidos precisam ser resgatados através da ideia de não abandonar filhos, cuidá-los.

Ser mulher, mãe e ser prostituta é assumir frente às inúmeras formas de preconceitos o lugar de luta em contraponto as referências que as estigmatizaram historicamente. Vítimas de ausências de pais, de estudos, de oportunidades, adentram na vida de estrada é então, se tornarem prostitutas, tem consciência de si e das relações com os outros, reconhecem sob a

ótica de ser mãe. Daí é importante considerar as diferenças entre prostituição como profissão, mas não como mãe, pois se reconhecem boas mães e pelos filhos lutam. Ao serem questionadas como se percebem no contexto da prostituição, as colaboradoras revelam.

Fico com meus filhos de dia, de noite vou trabalhar, não tenho ninguém pra me ajudar, nunca pedi nada pra ninguém, trabalho, pra me é um trabalho honesto, cuido deles, eu mando tudo pra escola, sempre amei e sempre vou amar na onde eles estiver, eu trabalho pra eles, dando as coisas, falta muitas coisas, falta muitas coisas dentro de casa, que eu tivesse pelo menos o pai pra ajudar meus filhos, mas eu não tenho, só tenho eu sozinha. (ESMALTE)

Eu não vou mentir, eu me vejo como uma garota de programa, todo mundo tem preconceito por isso, meu pai mermo me esculhamba, me xinga, fala que eu sou tudo na vida, que eu sou uma prostituta, eu acho que não sou isso, sou muito mais de que isso. Me sinto abandonada por todos. (ESPELHO)

Tenho sete irmãos. Meus irmãos tem um que odeia eu, que é filho de outra mulher, porque eu sou uma garota de programa ele não gosta de mim por causa disso, mas é melhor a gente ser o que a gente é, de que roubar, matar, eu não quero essa vida pra mim, ser garota de programa é muito mais melhor. (ESMALTE)

Todo mundo olha com olho de maldade, porque é prostituta, gosta de homem casado, vai tomar meu marido, que vai fazer, vai acontecer, e não é exatamente isso, pelo menos, eu sou assim, o que é seu é seu o que é meu é meu, porque todo mundo olha e fala assim, ah, porque faz programa, anda dando em cima de homem casado, eu não sou assim [...]. (BATOM)

Primeira coisa que eu fazia era sair desse lugar, pra ninguém ficar falando mal de mim, todo mundo firca jurgando as pessoas, tem gente que passa por mim e vira a cara, não gosta de mim, que eu arrumasse uma pessoa hoje, falasse assim, Branca tu quer sair hoje dessa vida? Primeira coisa que vou agradecer muito a Deus, sair, sai dessa vida, pra mudar tudo de vorta. (ESMALTE)

Eu vou ali em cima no posto, você não me vê em nenhum lugar a não ser ali, então ali, eu chego ali, fico ali, tem um rapaz que vende churrasco ali, meu ponto é ali, geralmente eu tô ali, deu o horário dele vim embora, eu não fico, eu saio daqui as sete horas, eu não sinto tanta vergonha, se me ver lá meia noite, uma hora da manhã eu já sinto vergonha, meu horário de ficar na rua é até meia noite, passou no máximo, você não vê eu lá na rua. (BATOM)

Na época quando eu tinha treze anos, eu fui estuprada maltratada, eu botei muitas coisas na minha cabeça, que um dia eu queria ser o que sou na vida, eu não me importo que as pessoas me xingue, que me fala coisas, que me xingue que eu sou puta, que eu sou rapariga, normalmente que eu sou isso, meu pai, minhas irmãs tudo me iscuiamba, mas eu não ligo. O que aconteceu comigo eu não quero que aconteça com ninguém, que é muito sofrimento, muita dor, hoje eu tenho filhos, eu sei o que eu passo nessa vida, faço de tudo pro meus filhos, dou tudo o melhor pra meus filhos, pra não ser uma coisa pior. (ESCOVA)

Porque a pessoa ser garota de programa não é qualquer uma, não é eu acho que não, porque tá fazendo seu trabalho ali, não tá roubando, não tá matando, tá botando comida dentro de casa pra dar pros filhos, sem pedir nada pra ninguém, eu sei que uma parte é ruim, que tá vendendo o corpo ali, mas é melhor fazer isso que muitas coisas pior. (ESMALTE)

A ferrenha discriminação de grande parcela da população, seja por comentários depreciativos, olhares de lado e até mesmo agressões verbais e físicas está em evidencia na fala dessa colaboradora. O sentimento de abandono atribuído a todos, está implícito subjetividades que denunciam uma distancia entre o mundo da prostituição e as vivências no meio social. A fala ilustra o pensamento nas experiências e vivências de sentir-se prostituta e os controles e resistências que estão intrinsecamente vinculados nas relações que contribuem para a elaboração de uma imagem positiva ou negativa no âmbito das sociabilidades.

Sentirem-se sozinhas e abandonadas por todos são sentimentos revelados por essas mulheres ao lidar com sua identidade de prostituta, que, inclusive, aparece conflituosa quando se apropria do estereótipo “garota de programa” para definir e limitar os sentimentos que se manifestam ao construir suas acepções sobre a prostituição, e tem como estratégia o uso do campo simbólico, significados culturais sobre prostituição que são produzidos e representados por meios e sistemas dominantes de representação. Esses espaços de vivências das prostitutas são mediados pelos significados de representatividade nos encontros das identidades mais ou/e menos fixada no processo de identificação ao assumirem a prostituição como trabalho e condição de sobrevivência.

A identidade é, portanto, um processo interminável de interações entre pessoas que são negociadas em um território cultural, ou seja, constroem-se identidades em interação com o outro, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social, em contato com a família, a comunidade, a cultura, em espaços diversos onde os sujeitos adquirem informações e elaboram suas subjetividades.

Os sentimento de tristeza e dor se manifestam nas narrativa e representam as fragilidades dos laços afetivos familiares. As afirmativas sobre a diferença dependem das negações “do que eu não sou”, assim, a diferença apresenta enquanto produto derivado da identidade; são construções produzidas no contexto das relações culturais e sociais. A disputa por identidade envolve o campo social em que há negociações dos recursos simbólicos e materiais. Implica em ações de incluir e excluir, do “nós” e “eles” consiste na demarcação de fronteiras entre os que estão dentro e os que estão fora.

O mundo social é composto de estruturas socialmente construídas, o espaço social é composto de estruturas discriminatórias, de maneira que as práticas vêm acompanhadas de quem as praticou, são inseparáveis do “sistema simbólico” que Bourdieu (2004) impõe na visão de mundo a partir de um processo de divisão de grupos, classificado e hierarquizado. Os conflitos são expressões nas formas de dominação e as distâncias espaciais refletem as distâncias sociais.

Quando eu estou lá encima no trabalho, eu fico tão sossegada, não vejo ninguém me iscuambando, as pessoas só me tratam muito bem, nunca me tratou mal, muitos me dá conselho pra eu sair dessa vida, mas eu não tenho como sair, não adianta a gente sair e deixar os filhos, sem dar nada pro meus filhos (ESMALTE)

A vida que eu levo mermo que é ruim, ou mermo que não, mas pra me é uma parte que eu esqueço muitas coisas, na onde que tô , no meu trabalho. Mas eu não dou conselho pra ninguém ficar nessa vida, meus irmãos não gosta de mim, a única que gosta de mim que tá com minha filha tomando conta, porque o resto nunca gostou de mim. (ESCOVA)

Vejo como uma necessidade, pra dar conta da vida, porque aqui, muitos empregos que tem, eu não teria condição nem de manter o aluguel de casa e minhas despesas. Geralmente o que oferece aqui, você vai pagar um aluguel, uma água, uma luz e não vai sobrar nada, eu tenho que me manter, eu tenho que comer, tenho que beber, eu tenho que me vestir, cumprir com meus compromissos do dia a dia. (BATOM)

São tantas coisas, não sei por onde começar, ah, eu lembro, eu no restaurante, sempre ajudava minha mãe, essas coisas assim, aparece, eu estudei, tipo, de onde minha mãe morava até a cidade era três km, normalmente a gente pegava carona com o carro do posto que tinha lá mais na frente e voltava né. Eu fiquei até a segunda série, nessa minha adolescência ai depois quando eu casei, que fui embora para o Paraná eu ainda continuei, fiz o supletivo, parei na quinta ainda. Então eu conheci meu ex-marido, eu tinha uns quinze anos, ai a gente se envolveu, hoje em dia eu penso assim que por eu ter ido embora com ele, ter tido filhos, eu acho que foi mais um recurso pra fugir de certos problemas em casa né. Algo diferente que eu faria, eu acho que eu não pararia de estudar, e mesmo depois que eu parei de estudar eu ainda tentei varias vezes, mas com filhos e tudo né, tudo dificultou, eu voltaria a estudar e faria outras coisas diferentes, eu acho que eu perdi muitas oportunidades nesse caminho, mas foi uma forma (ESPELHO)

Na condição de prostituta, se evidencia a mulher chefe de família, aquela como afirma todas as colaboradoras que enfrentam uma luta mediante o preconceito e, ao se identificarem garota de programa, demonstra resistência em sua trajetória. “Sou muito mais que isso” em evidência no depoimento de Escova, possibilita pensar nas mais variadas formas de violências de gênero vivenciadas por essas mulheres. Neste sentido, a violência de gênero tem suas causas no próprio homem, da própria família ou não, uma vez que exerce ou não seu papel de proteção, ou seja, assume comportamentos violentos como reflexos de valores aprendidos e

repetidos, social e culturalmente. Por este motivo, as tentativas de se resolver o problema da violência contra a mulher considerando somente os seus efeitos não resultam eficazes, pois a família muitas vezes não exerce seu papel de amar, proteger e cuidar.

Os caras me pegaram, me botaram no carro, me amarraram me fez bem o que quis comigo, mas Deus me deu tanta força que hoje tô aqui. É uma vida triste, eu não quero essa vida pra ninguém. (ESCOVA)

Quando você chega a uma certa idade e vê seus filhos crescendo, se tornando adultos, eu não quero minha filha, agora tá com seis anos chegando (pensamento interrompido) , agora ela me pergunta, mamãe a senhora vai pra onde, fazer o que, agora ela ainda dá pra levar, mas quando tiver numa certa idade. (BATOM)

Eu tava iniciando essa vida de programa eu conheci ele, ai fui embora não deu certo, eu voltei e ai continuei e daí eu já não consegui relacionar mais com ninguém , assim sério pra, já não conseguia mais acreditar e até hoje assim, até agora não achei ninguém que eu acredite, e ai continuei, algo pra fazer pra sustentar meus filhos, foi aí que eu comecei a fazer programa, achei apoio de estranhos sim, da minha família mesmo não. (BATOM)

Na lógica da dominação o dominado reconhece o poder exercido pelo dominante. As instituições tais como Estado, Família e Escola colaboram como agentes de perpetuação da relação de dominação, pois elaboram e impõe princípios de dominação que são exercidos no campo social. Essas instituições determinam comportamentos, impõe regras, valores que são absorvidos pelas instituições familiares, de forma que através da comunicação é aprendido instintivamente por meio de esquemas inconscientes da ordem masculina.

Estar na prostituição é segundo as colaboradoras ter condição financeira para manter o sustento da família. Ser mulher, mãe e ser prostituta é assumir frente às inúmeras formas de preconceitos o lugar de luta em contraponto as referências que as estigmatizaram historicamente. Observa-se os sentimentos de desprezo por si mesma. Estes fenômenos são frequentes entre os dominados e são levados a aceitação e à interiorização de uma imagem de si mesmos construída pelos outros que de acordo as narrativas se destacam ao elaborarem as vivências da prostituição, os marcadores da imagem de mãe e prostituta são fixados no que concerne ao sentimento de pertencimento.

Eu não sou feliz, porque o que eu queria ter era tá na minha casa cuidando dos meus filhos, sem precisar ter que tá saindo toda noite, toda noite tá na rua, era isso que eu queria, eu tá na minha casa, com um emprego, sair da minha casa e dizer que vou trabalhar que tenho orgulho do meu emprego, não é uma coisa, o que você é? Prostituta, qual é o orgulho que eu vou ter disso? Eu queria minha casa, minha família, um trabalho de verdade. (BATOM)

La na rua eu vou pra rua, faço minhas correrias na rua, o que eu fiz fica lá na rua, dentro da minha casa eu tento sempre fazer pra não dá demonstração.

Não levo ninguém dentro da minha casa, hoje eu sou solteira, não tenho ninguém, confiar pra colocar alguém dentro a minha casa com minha filha eu tenho que ter certeza do que tô fazendo. Meu filho mais velho ele sabe, já ela, eu não quero que cresça, vendo eu vivendo numa situação dessa, ele não me pergunta nada, não cobra nada. (BATOM)

As afirmações sobre a prostituição como um trabalho representa uma não aceitação à sua condição de prostituta e a identidade negativa surge então como uma identidade vergonhosa que rejeitada em maior ou menor grau o seu pertencimento. Nesse caso, pode se traduzir, na medida do possível, em uma tentativa para eliminar os sinais exteriores da diferença negativa. Envergonha-se de si mesmo na experiência do rechaço de sua ação (ser prostituta), reconhecimento de uma identidade negativa. Por exemplo, determinados grupos querem passar a ideia de bons trabalhadores. Mas nem todos os grupos contam com a mesma capacidade de identificação, já que é a posição no sistema de relações que liga os grupos que lhes concede esse poder.

Famílias constituídas por vários processos e dinâmicas, marcadas por preconceitos, decepções amorosas, ausência de estudos, relacionamentos afetivos fragilizados, abandono de pais e sobrecargas de responsabilidades. Mulheres que lutam mediante o contexto de vulnerabilidade social. Assumir a prostituição se constitui primeiramente pela necessidade iminente de sobrevivência. A educação dos filhos torna-se uma disputa diária, é que predomina nos discursos das colaboradoras, como afirma Batom, “Eu vou sempre à escola, participo das reuniões, sempre acompanhei meus filhos na escola” atribuem a prostituição como trabalho que lhes dá condição de dar aos seus filhos o que elas não tiveram uma vida digna com direito a educação, o que elas consideram essenciais para não ficar à margem da sociedade.

Eu não tô aqui porque eu desejo tá aqui, se eu não tiver aqui eu não vou ter condição de pagar um aluguel, de pagar uma água, de pagar uma luz, de pagar uma internet dentro de casa pro meus filhos, de pagar uma compra que eu fiz. O lugar não oferece nada além, o pai do meu filho foi presente até quando ele tinha oito anos, depois a gente não teve mais contato nenhum. Ele encontrou notícias do pai pelo face e descobriu que tem um irmão e uma irmã, meu filho fez contato, mas até hoje não tivemos notícias. O pai da minha filha não dá importância nenhuma pra ela, de um tempo pra cá ele vem demonstrando o pai que eu queria que ele fosse desde quando eu engravidei dela. Ele não sabe nem onde fica a escola, eu queria mudar pra minha casa, por alguma coisa pra eu trabalhar sem eu precisar tá fazendo o que faço, um trabalho, um trabalho de verdade, vou trabalhar e cuidar da minha casa e dos meus filhos sem precisar eu tá saindo a noite. (BATOM)

Algum jeito pra poder criar meus filhos, foi muito difícil no começo, eles eram pequenos e, pra achar alguém pra cuidar. Eu sempre cobro muito deles sobre isso, é o que eu mais cobro né, eu acho que isso é importante pra eles

amanhã ou depois, então eu acho muito importante. Todos eles estudam, o menino rompeu alguns anos, mas continua estudando. (ESPELHO)

A educação tem importância fundamental para mudanças estruturais, lugar estratégico para a ruptura do ciclo de exploração. Questões como a ausência de escolaridade, desemprego e famílias rompidas pelos laços afetivos se anunciam nas histórias de vida dessas mulheres que carregam o estigma da diferença a partir de vários indicadores (família, educação e trabalho) presentes nas identidades de prostituta e mãe. As identidades são nesse sentido, criadas pelas articulações de poder que são resultantes de opressão e privilégios de certos grupos em detrimento de outros.

## TESSITURAS FINAIS

No Brasil, as mulheres aparecem na maioria em relação aos grupos que são discriminados e marginalizados. As prostitutas cabem o estigma da inferioridade que vivem à margem da sociedade sem direito à cidadania. Neste entendimento, há de se pensar sobre as condições de ocupação das mulheres prostitutas que constroem suas identidades nas relações individuais e sociais evidenciadas por conflitos e lutas. A prostituição tem sido um tema polêmico tanto para a família quanto para a sociedade. Torna-se de certa forma, um tema emblemático em que as mulheres se confrontam em uma sociedade desigual e violenta.

Nessas trajetórias, há experiências de famílias em desarmonia e conflito. Famílias fragmentadas em seu núcleo e papéis de amar e cuidar. Evidencia-se a realidade da vida dessas mulheres, menosprezadas e hostilizadas pela própria família, história de vida entre lutas pela sobrevivência e formas de resistência. Histórias marcadas por situações de pobreza, marginalização, preconceito e violência. .

Detecta-se a partir das narrativas, lacunas sinalizadas por situações de abandono ou ausência da mãe e/ou pai no convívio familiar, laços afetivos rompidos, que conforme as colaboradoras contribuem determinantemente em suas vivências. Verifica-se um grau de escolaridade baixo, bem como a ausência e insuficiência da educação, a iniciação na prostituição no período da adolescência, momento de rompimento com a escola, perda de vínculo familiar. Todas as mulheres ressaltaram serem oriundas de famílias com baixo poder aquisitivo e a prostituição um indicativo como fonte de renda e sobrevivência. Afirmam-se como profissionais, ingressas em um universo caracterizado como trabalho. Em suas identidades se manifestam marcadores de opressão e inferioridade e se contrapõem às

identidades masculinas. Traz à tona os estigmas familiares e sociais marcados em suas identidades.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas 1930-2002**. tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”** In: Louro, Guacira Lopes (org.), **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Como os corpos se tornam matéria**: entrevista com Judith Butler. Revista Estudos Feministas, 10 (1), 155-167, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I – A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975/2004.
- \_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Quem precisa da identidade?** In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Organização de Antônio Carlos Secchin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2 v.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6º. Ed. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF\_FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2 ed. – São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RODRIGUES, M. **A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?** Rev. Katál: Florianópolis v. 12, n. 1, p. 68-76, jan./jun. 2009.
- SARTI, C. A. **A Família como Ordem Simbólica**. Psicologia USP, São Paulo, 11 - 28. 2004.
- SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1992.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.